

A PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

“Quanto mais longe é levada a pesquisa, tanto mais profundos se tornam os problemas. Aquele que não teme êsses problemas, mas os enfrenta corajosamente, ganha sabedoria e confiança.”

GOETHE (1)

Tradução de Amélia de Oliveira

A Educação Física, em nosso tempo, como vem sendo sistematicamente estudada e com uma projeção maior sobre as massas populares, visa um objetivo mais ou menos definido: fortalecer a vontade através do corpo. “A educação da vontade baseia-se na educação do corpo. Ação é atividade muscular, mas é também atividade nervosa e mental. Educai, pois, o cérebro, exercitando os músculos... E’ para o bem do espírito que queremos a Educação Física”. (2) O objetivo é tão evidente e claro, que se faz desnecessário investigar o seu sentido. Parece que ninguém ignora o que significa a atividade da vontade, do corpo dos nervos, do cérebro ou dos músculos. Conhece-se até o espírito ou o ego, que executa essa atividade e vem sendo estudado desde a antiguidade. As discussões teóricas sobre a importância e os propósitos da Educação Física giram em torno do conceito desse espírito. Grandes dificuldades entravam os seus resultados, quando o conceito alma é introduzido, como idêntico ou contrário ao conceito espírito, ou quando a alma é posta em oposição ao conceito corpo, etc. Eis aqui umas poucas citações:

Lukizn:

“Achamos que não basta deixar o corpo e a alma do homem como a natureza os fez.” (3)

Rousseau:

“E’ preciso que o corpo seja forte, para obedecer ao espírito... Quanto mais fraco é o corpo, tanto maior atenção requer; quanto mais forte, tanto mais obediente... Si quereis, portanto, educar o espírito da juventude, educai essa força que o espírito tem de governar.” (4)

Guts Muths.

“Todos procuram cultivar o espírito, como si não houvesse o corpo.” (5)

Schultz:

“Uma coisa é incompleta sem a outra: frescura e vivacidade mentais, sem um corpo treinado, não correspondem ao conjunto da vida orgânica, como determinada pela natureza; portanto, salientaremos com entusiasmo nessas palestras o ideal de uma sadia e florescente unidade de corpo e espírito... No esporte, o leigo, muitas vezes, achará difícil distinguir qual o mais importante: si o corpo

forte que executa, ou o espírito dominador que governa.” (6)

A história da Educação Física encerra grandes dissensões, e, como se trata do homem vivo, as lutas são travadas com vigor. Cabe ao estudioso do problema compreender os fatos dessa controvérsia, não só de um ponto de vista histórico, mas também psicológico. Dêle, esperamos que nos diga porque os mestres da Educação Física, ainda hoje, deparam com tão inacreditáveis resistências. E’ mais do que isso, porque existem essas forças que se opõem à Educação Física, e si essas forças se originam de condições políticas e sociais ou si são inerentes ao próprio homem. Tentando responder a essas perguntas, retornamos ao nosso ponto de partida, sendo preciso então saber si há uma unidade indivisível como base dêsses três conceitos — alma, espírito e corpo — ou si há pluralidade e desacôrdo entre as três forças fundamentais correspondentes a êsses conceitos. Tornar a Educação Física útil somente à formação da vontade será uma experiência que leve à revolta as forças da alma? Devemos impedir a expansão da força mental como a concebiam os antigos pedagogos? Ou foram êsses pedagogos, a-pesar-da sua visão unilateral, defensores de valores que não poderão ser esquecidos sem más conseqüências?

Quando a educação visa realmente o bem do aluno, o homem é considerado um todo. Se quisermos compreender os problemas e as tarefas fundamentais da primeira, necessitamos de uma nova relação psicológica entre os conceitos básicos do último. Temos que refazer o nosso conhecimento da estrutura humana. E’ necessária uma compreensão clara do que há a educar e do alcance real da educação. Já houve pedagogos que trabalharam sem o conhecimento da psicologia, tendo por guias a intuição e a incompreensão. Se existissem muitos assim, seria pouco perigoso deixar à pedagogia o trabalho de ir esclarecendo o que é obscuro e inexplicável no homem. Mas como tenha nascido a confusão e hajam sido sacrificadas muitas almas infantis a uma idéia errônea de educação, só nos resta levantar de novo a questão da estrutura humana.

Um dos grandes professores que nos deu o povo alemão foi Pestalozzi. Foi provavelmente êle quem mais fundo olhou na natureza da alma da criança. Adolf Thiele trouxe novamente à luz o ensaio de Pestalozzi sobre a “Educação

(1) Je tieferman eindringt desto schwieriger Problem-tun sich hervor. Wer sie nicht furchtet, sondern huhn drauf losgeht, fuhlt sich; indem er weitergedeiht. hoher gebildet und behaglicher

(2) Prof. Dr. Adolf Thiele, “Die neue Erziehung. Werden und Wesen der Leibesübungen”. Leipzig. Grethlein, 1919, p. 516.

(3) Lucius Samosata, obras completas traduzidas por C. M. Wieland, 4 volumes, Leipzig, 1789.

(4) Jean Jacques Rousseau, “Emil oder uber die Erziehung”, 1762, traduzido para o alemão por H. Dahnbarth, Leipzig.

(5) Guts Muths, “Gymnastik für Jugend”, 1793. Nova edição por Lukas, Viena e Leipzig, 1893.

(6) Roberto Werner Schuke, “Leib und Seele im Sport”. Charlottenburg, 1921.

Física", aparecido em 1807. (7) Seu conteúdo teórico essencial ainda hoje é descurado. "São as nossas escolas um meio de desenvolver a força física do povo, de facilitar a sua adaptação, ampliando assim as suas forças mentais e emocionais? Nessas escolas, pode a criança satisfazer o seu instinto natural de movimento e emprêgo da força física? Sim, enquanto caminha para a escola e de volta para casa é-lhe permitido movimentar-se livremente, mas na escola mal tem licença de respirar! O menor movimento de mãos e pés incomoda o professor, a criança se vê obrigada a um regime que não tem nada de natural. Sentar na escola é indiscutivelmente prejudicial ao desenvolvimento do ser humano em seu mais importante período de formação. É uma atividade artificial que causa a paralisia de forças físicas. Desde o começo, a criança necessita de um campo livre para a atividade física e a expressão do seu instinto de movimento. A natureza ensina que a criança é um todo indivisível, uma unidade orgânica essencial de múltiplas capacidades da alma, do espírito e do corpo. O desenvolvimento de uma dessas capacidades não só é inseparável das outras, como influe sobre elas. A natureza exige que nenhuma dessas capacidades tenha o seu desenvolvimento prejudicado...

Nessa necessidade constante de movimento, vista no jogo da criança, com o próprio corpo, a natureza forneceu verdadeiro ponto de partida para a Educação Física". Thiele acrescenta: "Os tropeços do período inicial da Educação Física poderiam ser evitados, si os professores se lembrassem de Pestalozzi".

O segredo do entusiasmo que as idéias de Pestalozzi despertam em todos os leitores é que êle consegue se colocar próximo da maneira de sentir e pensar da humanidade. É um sinal da sua genialidade poder transpor para uma linguagem popular o que há de essencial no problema, sem desertar da linha do estrito conhecimento psicológico. Repetindo: Pestalozzi parte do fato de que, em todos os homens, existe o instinto do movimento; a paralisia sistemática, levada a efeito ainda hoje nas escolas, tem conseqüências desastrosas para o desenvolvimento da alma infantil.

Prejudicando o instinto natural do movimento, fica destruída a unidade íntima, a trama secreta do psíquico com o físico. O ponto de partida da Educação Física é, pois, permitir um desenvolvimento completo ao instinto de movimento. Denunciando a restrição do movimento durante as horas de aula, Pestalozzi mostra a sua profunda compreensão de um instinto fundamental da vida, porque movimento é vida, e, para continuar no sentido pestalozziano, quanto mais natural e elementar, tanto mais imbuído de vida; quanto mais treinado e forçado, menos vital em sua expressão. Penalizado, Pestalozzi fala da vida limitada dos professores: privado de vitalidade elementar, deformado pela especialização, o professor caminha por uma senda estreita e força as crianças a segui-lo, observando com suspeita os sinais de movimento, porque o movimento livre fica além do seu controle (8).

Hoje em dia, é amplamente reconhecida a necessidade da Educação Física. Pode-se considerar terminada a luta entre os seus defensores e os que a ela se opunham. Atualmente, só se luta dentro do seu próprio campo. O desentendimento gira em torno dos dois princípios de movimento: movimento convencional ou movimento livre. Essa luta esmoreceu em nossa época, porque estão sendo quasi geralmente aceitos os dois tipos de ação e incluída a sua prática em vários métodos de Educação Física. A esta fase, se seguirá, em breve, outra, que trará a síntese dos dois sistemas. Si o esporte quebrou as cadeias dos velhos métodos estritamente convencionais, que foram se desenvolvendo da idéia originária de Jahn, que, no entanto, também queria o movimento livre, não é menos certo estar agora ameaçando sacrificar a liberdade reconquistada de movimentos à sua sede de records. Já se erguem vozes de alarme contra a degenerescência do esporte na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde a loucura dos records responde pelas conseqüências que levaram muita gente a duvidar do valor da Educação Física. Naturalmente que a competição é necessária e ninguém pensa em eliminá-la. Mas a competição entre oponentes animados é diferente da simples ambição de pontos que move figuras privadas de vida.

As nações que conquistam maior número de records são realmente as de nível cultural físico mais elevado? O prejuizo de todos os outros movimentos em benefício de movimentos dirigidos num único sentido demonstrará, na verdade, uma força de vontade maior? Poder-se-á supor e, em algumas pessoas, os movimentos livres não sejam naturais e que, portanto, a mudança dos movimentos naturais para os artificiais lhes seja mais fácil do que para as fortes caráter individual? Estará a Educação Física destinada a apresentar o mesmo quadro que as escolas orde os sepulcos de maior capacidade natural obtêm os graus mais altos, porque o seu próprio poder de criação impede que a atenção se fixe, prejudica a sua aplicação às lições dadas pelo professor? Será preciso que, por exigência da Educação Física, o homem vivo, de movimentos livres, se subordine a movimentos forçados do conquistador de records? A Educação Física é supressão ou desenvolvimento dos movimentos naturais? Pestalozzi já respondeu a essas perguntas. Naturalmente, faz-se um novo esforço para responder a elas, de acordo com os problemas psicológicos que formam o núcleo da natureza humana.

Seja qual for a concepção que se faça do corpo humano, ninguém duvida de que os nossos movimentos tenham caráter individual. No andar, na escrita, em todos os outros movimentos do corpo, no timbre da voz, há sempre uma característica que permanece constante a vida toda. Essa persistência, é que nasce o conceito do caráter individual. Todas as crianças têm as suas características, e o desenvolvimento livre de seus movimentos individuais dá lugar à felicidade profunda que vemos brilhar algumas vezes em seus olhos. Para ter uma compreensão perfeita do que é o movimento da vida humana, é necessário ter sempre em mente dois conceitos fundamentais, cujo esquecimento causa grande confusão nas discussões teóricas a res-

) H. Pestalozzi, "Über Koperbildungs" (reeditado em Hirth, "Das gesamte Turnwesen", Hof 1893, 2.ª edição). O livro apresenta também alguns exercícios fundamentais, que contrariam inteiramente os conceitos teóricos mais importantes, pelo seu caráter absolutamente mecânico.

) O "caminho forçado" contraria a vida em seu sentido amplo. É mecânico e artificial.

peito da Educação Física, e que esta frase exprime: **Todos os movimentos individuais têm um caráter contínuo e rítmico.** Quem já procurou acertar num alvo reduzido um tiro de espingarda sabe o que isso quer dizer. (9) No tremor quasi imperceptível do braço, que torna impossível a mira exata, pode-se reconhecer o ininterrupto movimento vital, cujos ritmos mais largos são encontrados ainda no pulsar do coração, na respiração, nos movimentos dos intestinos e nos ciclos periódicos mais amplos que se distanciam de meses e de anos na vida orgânica, ligando as vidas dos indivíduos, de famílias inteiras e de nações aos movimentos rítmicos dos planetas.

A palavra ritmo será muitas vezes repetida neste artigo, e talvez seja conveniente explicá-la aqui. Um movimento é de caráter rítmico, sempre que é um movimento vital natural. Essa definição inclui o fato de que há movimentos que perderam total ou parcialmente esse caráter natural. Um exame do que já se escreveu sobre a fisiologia e a psicologia consubstanciará essa afirmação.

É necessário retornar à época de Pestalozzi, para encontrar o início de uma compreensão que, depois de esquecida várias décadas, foi modernamente de novo encontrada. Em 1818, apareceu uma "Dissertação Inaugural" sobre os movimentos animais, de Carl Werck (Wurzburg, p. 55), onde se lêem essas significativas palavras:

"A educação do homem teve por efeito recalcar todos os instintos, colocando os desejos sob o poder da vontade. Mas nenhuma soma de esforço poderá extinguir completamente o ritmo no homem, restando sempre uma característica individual e, por consequência, um movimento rítmico, que é observado no andar, na escrita, na maneira de falar, etc., da mesma maneira que a alimentação e o clima são causa das peculiaridades de movimento em indivíduos de diferentes nacionalidades".

Merck tem uma compreensão clara do ritmo, que é para ele a relação da vida orgânica com a natureza, o principal meio de definir o caráter individual instintivo. Entretanto, ele confunde extranhamente o conceito do ritmo com a vontade e o que é permanentemente regulado. A natureza orgânica não conhece nem vontade, nem lei, as quais, embora em bases diferentes, indicam o governo do espírito. Esse intercâmbio monista de dois conceitos essencialmente opostos prejudica, ainda hoje, o conhecimento psicológico da natureza do ritmo e é o principal motivo da confusão do ritmo com a métrica. O fisiologista Carl Friedrich Burdach descreve o ritmo orgânico da seguinte maneira:

"Uma periodicidade elementar é encontrada nos mais simples atos da vida, aparecendo com intervalos muito curtos, que não podem ser aferidos pelas medidas ordinárias do tempo. Essa sucessão é tida como uma unidade de atividade vital e inércia, embora não seja mais de uma série de incontáveis oscilações, como acontece com a luz e o sol. Assim, todos os músculos, mesmo quando parecem em repouso, estão em vibração constante. Esse mesmo movimento imperceptível é encontrado na atividade aparentemente estática dos nervos, da mesma maneira que a vida das formas orgânicas se devem à sempre contínua eliminação e formação de matérias. Um repouso absoluto, uma inércia completa não são possíveis. Essa periodicidade, como essência da vida, só poderá ser alterada depois da vida". (10)

Em outras palavras, o ritmo é essencial a tudo que vive. Desde que a vida tem um caráter contínuo, o ritmo também é contínuo.

Entre os pensadores modernos, o matemático e fisiologista Melchoir Palagy e o grafólogo e psicólogo Ludwig Klages demonstraram, com grande compreensão, a importância do ritmo para a explicação dos fenômenos psíquicos. Palagy diz:

"A natureza da nossa vida vegetativa se exprime numa série de movimentos periódicos e involuntários, que se processam em fases opostas. Miríades de ritmos de vida se processam no interior das células, e as fibrilas das células de um organismo se ligam para tecer o grande tema da música chamada vida. Essa sinfonia viva é evidente na respiração e na pulsação. O ritmo da nossa vida vegetativa é a base da vida da nossa alma." (11)

Segundo Klages:

"O pulsar da alma vibra constantemente através do ser humano, formando cada traço da sua expressão e imprimindo o seu ritmo a todos os movimentos dos seus dedos, em qualquer peça que trabalhe, dando aos produtos do oleiro, do ferreiro, do tecelão, do carpinteiro, do sapateiro, do pedreiro, etc., o toque individual de sua feitura."

Si tanto o físico, como o psíquico, no processo da vida, são submetidos a uma oscilação rítmica, é importante de-

terminar a origem das arritmias, do desacôrdo que se dá em certas circunstâncias. Si os movimentos da criança têm um caráter natural, como poderá ser explicada psicologicamente a supressão desses movimentos? É necessário frisar que só a atividade muscular voluntária pode ser influenciada diretamente. Merck, no estudo já citado, apresenta-nos a resposta de que carecemos:

"Si a vontade é ativa antes do movimento voluntário, a sua transposição em movimento dá-se por uma alteração do ritmo natural."

A vontade, que Merck definiu como a capacidade de objetivar o movimento, pode ser uma causa de arritmia (ritmo irregular). Também Burdach, na página 468 de seu livro, diz:

"...quando a vontade age, a periodicidade é necessariamente alterada... A atividade dos sentidos, do espírito e dos músculos são as funções menos sujeitas ao ritmo e podem ter uma continuidade de dias ou cessar por um intervalo ainda mais longo, conforme decida a vontade."

A relação entre a opinião de Burdach e a de Merck está em que ambos apontam como causa da arritmia a atividade sob a forma de um movimento objetivado ou de uma idéia que encha a vida psíquica.

A mais ampla explicação do ritmo vai sendo gradativamente maior, quando o espírito se vai tornando mais consciente (p. 26... A vida se exprime de uma maneira rítmica, mas o espírito governante subordina à sua lei o andamento rítmico. (p. 34... A forma das plantas e os movimentos dos animais são sempre absolutamente natu-

(9) A fisiologia moderna nos dá uma explicação diferente (N. dos tr. ingl.).

(10) Carl Friedrich Burdach, "Physiologie als Erfahrungswissenschaft", Leipzig, 1838, III, p. 459.

(11) Melchoir Palagy, "Naturphilosophische Vorlesungen Über die Grundproblem des Bewusstseins und des Lebens". Leipzig, 1924.

rais, principalmente quando o organismo encontra as condições necessárias de vida; e o mesmo se daria com o corpo e os movimentos dos homens, si eles não fossem sujeitos a uma força diferente e em parte antinatural. A expressão da vida é o ritmo, a expressão do espírito é a substituição do ritmo pela lei da vontade. Quanto mais o espírito subjetivamente controla a vida, mais o ritmo profundo parece ser controlado por essa lei". (p. 139) "O espírito é uma causa da arritmia."

Os problemas da Educação Física se relacionam estreitamente com os problemas filosóficos do mundo. E' esta a causa das lutas intensas no curso da história da Educação Física. Os que dela participaram, sentiram instintivamente que a discussão devia ir além das vantagens fisiológicas de um determinado grupo de exercícios. Os pioneiros da Educação Física não tiveram, de certo, a combater apenas o intelectualismo obstinado e cego. Havia também a resistência de uma força rítmica instintiva, que não queria ser perturbada por uma ginástica, em cuja bandeira se inscrevia a conveniência de um método de cultura física destinado a auxiliar a formação do espírito, porque o instinto mais profundo é o do homem rítmico e não o do intelectual. Esses iniciadores podiam ver muita coisa no conceito espírito, mas a execução dos exercícios físicos não deixou nenhuma dúvida de que se pretendia suprimir muito do orgânico, para a criação de um tipo de homem que era o Homem de Vontade. Enquanto continuarmos alemães, enquanto o sangue de nossos avós correr em nossas veias, faremos sempre objeção a esse tipo. Somos uma raça, na qual o pulsar rítmico se manifesta frequentemente ainda hoje, o que faz o segredo da palavra Alemanha. E' a antiga disputa entre as filosofias monista e dualista, que embarça o caminho para uma nova forma de Educação Física.

O que até aqui foi dito não deixa dúvidas quanto à posição em que se coloca o autor. Para nós, há uma força mental que é antagonica ao ritmo, isto é, à vida. A arritmia é um passo entre o ritmo e movimentos idênticos que se repetem. Há uma contradição aparente entre essas idéias e a de Pestalozzi, que diz: "A natureza ensina que a criança é um todo indivisível, uma unidade orgânica essencial de múltiplas capacidades da alma, do espírito e do

corpo." Esta idéia parece nascida de uma filosofia monista e ir contra o conceito de uma estrutura dualista do homem. Mas é uma contradição puramente aparente, que se desfaz com a compreensão da realidade psíquica. O fato de que a ação que nós chamamos mental se põe em oposição ao conhecimento, leva-nos à conclusão de que o conhecimento espiritual e o processo mental não podem provir da mesma fonte. O criticismo de Palagyi e Klages trouxe luz à concepção mística da psicologia moderna e removeu o erro fundamental de confundir o vitalmente psíquico com o logicamente espiritual.

O que caracteriza a atividade mental e lógica é não ser contínua, e sim uma série de movimentos idênticos que se repetem com intervalos. Não é contínua, não cabe num período definido de tempo e funciona antes de modo a delimitar e dividir o tempo e as ocorrências especialmente ligadas. Por este processo de abstração, o ritmo natural do corpo é desviado. O crescimento é essencial à vida, inclue o nascimento de novas coisas — é portanto criação; a ação mental transforma em repetições idênticas, semelhanças especiais e temporais. O que se repete de maneira semelhante é ritmo, o que se repete de maneira idêntica é métrica. A força motriz é a unidade central do espírito, que, assim determinando aquela alteração e metrificando, exerce uma função limitadora e está em oposição ao movimento vital que se vê sujeito à sua medida.

Em linguagem simples e clara Palagyi diz:

"Em pensamento, nós podemos limitar estritamente os acontecimentos concretos, mas não há demarcações absolutas para as emoções, porque o sensual é contínuo. Quando afirmo também que as sensações se sucedem continuamente, enquanto os atos mentais são isolados, astou convencido de repetir o que diria qualquer um que, desde que reflita e veja assim que os sentimentos não se limitam, enquanto o espírito nos apresenta limites estritos... Parece comprovado que a corrente vital é de um caráter contínuo e variado, enquanto os atos mentais são delimitados e simples. Os sentidos têm apenas limites vagos, mas o espírito limita temporal e especialmente coisas e acontecimentos. Daí a incoerência da natureza humana". (13).

Os movimentos são naturais, desde que nasçam da unidade vital, da "unidade orgânica" de Pestalozzi, e mon-

(12) Ludwig Klages, "ausdrucksbewegung und Gestaltungskraft", Leipzig, 1921.

(13) Vorlesungen, p. 249. A dupla natureza do nosso processo psíquico, que se dá por vibração livre ou sofre a influência da força mental, foi transportada para a linguagem sob a denominação de vida mental — um conceito que tentou desastrosamente vários filósofos, senão a grande maioria deles, a interpretar a vida de um modo espiritualista. Em oposição a isso, Klages (Geist Und Seele, Deutsche Psychologie, II, Langensalza, 1917 diz: "Viver é uma ininterrupta experiência... a vida é uma totalidade de atos contínuos, e a consciência é o processo que relaciona esses atos intermitentes". Contrariando Klages, muitos livros de psicologia começam pela afirmativa de que a consciência é uma corrente contínua na qual o pensamento reponta escolhendo sendas e caminhos... Não podemos julgar o que pensam os seus autores e se pensam realmente alguma coisa, quando falam de um só fôlego em atos mentais e correntes da consciência. Mas o que é certo é que tal confusão de termos mal avaliados só por si é suficiente para justificar qualquer mistura de vida e alma e para encher voluntariamente a vida de desconhecidos atos concientes!... A alma e a vida são duas realidades naturais, a eternidade do ser e o tempo da ação... (p. 254). E' preciso, pois, estabelecer que há uma existência espiritual, que não é limitada pelo espaço ou pelo tempo, com a assistência da qual todos os seres racionais chegam ao mesmo fim: que a totalidade, o número e a realidade tempo devem ser considerados como um sistema relativo de inúmeros pontos" (p. 309). Ver também Schiller, "Über das Patetische": "Na discordância dos traços da natureza animal, talhada pela necessidade ou moldada pelo espírito, reconhece-se a presença de um princípio metafísico no homem que, pela sua natureza limitadora, lhe estabelece a identidade.

trem, em sua forma, origem instintiva; são mentais, desde que sigam linhas marcadas pelo espírito, prescrevendo limites definidos. Através do ato voluntário, percebemos a função executiva pela qual o movimento rítmico é desviado em uma direção premeditada com um objetivo definido. Essa transposição nunca é completa, porque a vitalidade do movimento é devida à vida instintiva que se origina da unidade orgânica e está sob a influência constante de alterações, as quais, partindo do organismo, contrariam a força do espírito. O espírito pode dominar essa influência somente até um certo ponto, não sendo o desvio dos movimentos vitais contínuo, mas intermitente, de acordo com o mencionado caráter dos atos mentais, isto é, ferindo a corrente vital apenas em sucessão métrica. Entre os compassos da métrica, prossegue o movimento, e se refaz em sua pureza original segundo o poder de desenvolvimento individual e a sucessão mais ou menos rápida dos atos mentais. Ou, em outras palavras, o aspecto mental ocorre no ponto em que o movimento é desviado por um ato voluntário. Da análise do movimento voluntário, resulta pois a imaterialidade do espírito, o que, de acordo com a filosofia de grandes pensadores como Schiller e Hegel, por exemplo, foi entretanto negado pela psicologia moderna, mas reafirmado por Palagyi e Klages. A natureza objetiva do espírito, que tem em mira um fim, que traça uma direção, que focaliza um movimento, é notada especialmente nos símbolos da linguagem. A palavra compreensão (verstand) contém o sentido fundamental de alguma coisa que é forçada, por outra que impede (stand) o caminho, a tomar uma outra direção; a palavra consideração (überlegung) caracterizava também originariamente a mudança de direção, com a palavra reflexão, que significa voltar para trás.

O "caminho forçado" que o professor, segundo Pestalozzi, obriga a criança a seguir, ilustra de maneira interessante a relação entre o movimento natural e o movimento traçado pela vontade ditadora. O espírito também funciona como um chefe e o mau emprego que se faz da força mental vai machucando a alma. A unidade orgânica da alma da criança no sentido pestalozziano se exprime pela resistência profunda que os impulsos naturais e saudáveis opõem à força voluntária, que é um desvio e um estreitamento da vontade. Ao contrário, de enriquecer a alma da criança, e principalmente a sua totalidade, que é a unidade orgânica de Pestalozzi, ou, na linguagem da nova psicologia a Gestaltqualität, através da repercussão orgânica da experiência do professor, ou do colega, o resultado real do ensino escolar é um enfraquecimento da alma em benefício do ego e das formas mecânicas da atividade mental. As consequências são a desconfiança terrível do instinto e a incompreensão nociva que devastam o nosso povo educado. A racionalização dos instintos nas nossas escolas e ginásios é a razão última da decadência interna e externa da Alemanha. Só será possível uma ressurreição, se as nossas escolas passarem por uma reforma completa. Um instinto forte é a expressão de uma unidade orgânica

íntegra, e faz do seu dono um observador e um participante favorável ou não de tudo que é útil ou nocivo à unidade orgânica da vida individual, como ao povo do qual ele se sente um membro orgânico. Se as massas se acham hipnotizadas por fórmulas, vemos nisso a influência do ego, cuja característica é destruir a corrente de experiência da alma. A nossa época mostra, em tudo, o domínio do ego e não o anelo de sacrifício da alma.

Nos trabalhos de Felix Kreuger (15), um discípulo de Wilhelm Wundt, há também a tendência para partir do conceito mecânico atomista do psíquico, para o reconhecimento de um crescimento rítmico orgânico. "Pode ser historicamente comprovado que, quanto mais o psicólogo tem em vista um ideal mecânico de conhecimento, tanto mais afastado fica da compreensão do desenvolvimento da alma. Sua pesquisa fica prejudicada. Estudando a questão genética, chega-se à concepção de um sistema relativamente independente de forças de uma unidade que não é apenas mecânica — o conceito de um todo vivo que, embora de valores qualitativamente diferentes, se mantém como um sistema (p. 50)... Entre psicólogos, admite-se cada vez mais que a experiência real do homem, num grau mais avançado do desenvolvimento, se processa em formas que não podem ser ilustrativamente diferenciadas". (p. 108). Essa psicologia exprime também a unidade orgânica de Pestalozzi e ao mesmo tempo a teoria de Palagyi do caráter vago da nossa imaginação. A nossa experiência vai se alargando, sem nenhuma perturbação causada pela parte compreensiva do nosso espírito.

E' preciso ser mais claro: o desdobrar da experiência em sua relação de desenvolvimento e a análise da experiência sobre uma base racional devem ser distinguidos. Em outra parte do seu livro, Kreuger expõe essa idéia:

"Quando procuramos compreender um sentimento, observando-o em nós mesmos, ele se torna diferente, irrecorrível". (p. 109).

Muito se discutirá ainda dentro do campo das ciências psicológicas, e problemas que, até o presente, foram estranhos ao mundo, trarão com sua solução o melhoramento das paixões das grandes massas. No centro dessas discussões, se levantarão as questões da essência do espírito e da alma, do sentido e do ritmo, e a mais importante de todas investigará do valor da ciência, participando da mesma pesquisa em que se empenhou Friedrich Nietzsche e a que a psicologia não pôde responder. Se o ato mental

(14) "um instinto enfraquece quando se racionaliza, porque pela racionalização se torna mais fraco". Friedrich Nietzsche, "Der Fall Wagner".

(15) "Ueber Entwicklungspsychologie. Ihre sachliche und geschichtliche Notwendigkeit". (Arbeiten zur Entwicklungspsychologie, volume I, Leipzig, 1915).

do conhecimento tem mesmo um efeito destruidor sobre a nossa experiência, o resultado será uma filosofia de negação do ato mental. O primeiro grande passo à frente nessa ciência foi dado por Palagyi e por Klages em seus trabalhos mais completos: "Os escolásticos ensinavam com profundidade e verdade que o espírito é *actus purus*, ou a própria ação... A própria ação seria uma negação em si mesma, ou antes, seria aquilo em que a teologia, contrária à escolástica, via o espírito. Apenas, quando ligada à realidade pode ser sentida a negação do espírito, e sentida, como já vimos, pela alteração da corrente vital, pela ordem, pela lei, pelo governo por ele ditados". (*Ausdrucksbewegung und Gestaltungskraft*, p. 120).

Torna-se mais difícil a compreensão do ritmo quando se tem a confusa idéia de que o oposto do espírito e da regularidade social é apenas o caos, não somente caos, no sentido de anarquia, mas também no de que o ritmo se opõe à ordem. A ordem, tanto quanto imbuída de vida, fica entre o Cosmos e o Cáo, entre a vida e a anarquia. Chegaremos ao caos, si prosseguirmos pela linha de racionalização e não sairmos da margem do rio da vida, cujo marulhar rítmico sóa distante aos nossos ouvidos, como o Saga reponta a nós da Infância do nosso povo, ou como um conto de fadas do nosso próprio passado de criança. Sé muito recentemente Leo Frobenius (16) salientou a importância do ritmo. Em seu livro "Paideuma", ele diz:

"Esses poderes demoníacos da alma das classes baixas são sempre encontrados nas raízes do Paideuma, que é o conceito da força contínua e criadora da alma. Tanto nas massas, como no indivíduo, a riqueza dessas formas pode ser notada, e pode-se então alcançar a sua compreensão através do fato de que o mundo no princípio foi caos, e que a expressão foi negada ao Paideuma humano. Isto explica a extensão das raízes do desenvolvimento Paideuma". (p. 114).

A infância de um povo tem tão pouco caráter caótico, quanto a estrutura de uma alma de criança. Quando o mundo é olhado de um ponto de vista mental e mecânico, a vida da alma infantil em constante corrente rítmica parece caótica e sem disciplina. Do ponto de vista de um julgamento vivo do mundo, isto é, impregnado de alma, todas as mudanças, todas as quebras de ordem nascem da individualidade que deve a própria forma ao ritmo cósmico da vida. Temos que concordar com as queixas de Frobenius:

"É triste ver como em nossa época são tratadas mecanicamente as almas das crianças". (p. 37).

Chegamos agora ao ponto em que podemos formular a tese da Educação Física, que exprime a idéia fundamental de Pestalozzi de maneira clara: A tarefa da Educação Física é a conservação da unidade orgânica da vida e do ritmo natural do movimento vital, contra as forças que se opõem a essa unidade e a esse ritmo, inimigas da vida, tanto interna, como externamente, em sua objetividade mental e mecânica". Ou, apresentando de uma maneira ilustrativa a mesma tese: si é necessário canalizar o rio da vida, torná-lo útil aos propósitos de natureza nacional ou social, o nivelamento do leito e o estreitamento das mar-

gens não deve ir tão longe que realize uma destruição completa do movimento espiritual rítmico. Na exigência de que a Educação Física sirva tanto ao espírito quanto à vontade, há um grande perigo para a juventude alemã em fase de desenvolvimento. Não queremos dizer com isso que a juventude não deva ter uma vontade forte, mas que o organismo precisa ser capaz de suportar o fortalecimento da vontade, sem dano para o ritmo da alma. A relação subjetiva que faz com que o grande poder de vontade do povo inglês seja responsável pela sua arritmia ainda não foi demonstrada. O organismo do inglês, porque não possui um ritmo forte, é mais aberto ao ato mental da vontade, ou, em outras palavras, é mais suscetível de sofrer a ação da vontade (17). Si não quisermos que a juventude alemã siga o mesmo caminho, teremos que criar uma pedagogia alemã da Educação Física que corresponda aos elementos essenciais do povo alemão, ao seu ritmo espiritual e à sua força real. Ou, para dizer de outra forma, necessitamos de um método de Educação Física que não acabe com a luta entre a alma e o espírito, em benefício do espírito e da vontade, mas que ative essa luta; um método de Educação Física baseado no ideal de que uma nação só permanece grande e inacessível, enquanto essa luta não chega a um termo, mas ondula e vibra no desdobramento de suas forças. Si Schüles é geralmente mal interpretado quando diz que "o homem só é um todo enquanto se movimenta", podemos explicar que com isso ele quis dizer que o homem só é homem quando as forças de sua vida íntima — alma e espírito — estão empenhados em conflito (18).

A alma representa a força de uma corrente em vibração e também a sua forma, o seu movimento, e esses dois aspectos que a Educação Física deve preservar e desenvolver, formam a sua totalidade. Duas disciplinas são também necessárias. É preciso que nos empenhemos na liberação da força, por um lado, e do movimento, por outro. A força é estimulada pela força; o movimento pelo movimento. Os gregos, em sua imensa sabedoria, haviam compreendido essa dualidade. Em seus jogos, expandiam e controlavam a energia, em seus *Choros de Tragedia* liberavam e controlavam o movimento. Si os seus jogos se aproximam muito das nossas atividades esportivas, ainda não encontramos um equivalente para os seus *Choros de Tragedia*. O desenvolvimento de ambas essas disciplinas, esporte e ritmo do movimento, é que poderá realizar a profunda relação existente entre a Educação Física e as artes plásticas e dramáticas. Essa relação não existe, nem pode ainda existir na Alemanha. A finalidade deste artigo é levar um pouco mais longe a educação do movimento.

(16) Leo Frobenius, "Paideuma", *Umriss einer Kultur- und Seelenlehre*, Munich, 1921.

(17) Oswald Spengler é contrário à influência inglesa que criou raízes no seio do nosso povo. Ele conhece a estrutura psíquica do inglês, a causa secreta da sua atitude egocêntrica diante dos fatos nús: "O espírito prussiano e o socialismo se unem contra o fétido inglês, contra a filosofia que invade a vida do nosso povo, prejudicando-o e roubando-lhe a alma". "Prussianismo e Socialismo", Munich, 1921, p. 98.

(18) Nos records esportivos, o ritmo da alma é sacrificado ao propósito egocêntrico. "Os atos regulados, determinados, voluntários são repetidamente observados nos esportes; podemos quasi dizer que, em nenhum outro terreno, esses atos são tão treinados. O corredor da Maratona é um exemplo histórico dessa subordinação extrema de todos os motivos da alma que permite a submissão de toda a força da vontade à pequenez de um propósito... Schulte, "Leib und Seele im Sport", op. cit., p. 19. A história do corredor da Maratona prova a dualidade da estrutura humana; a presença de um princípio que intervém no ritmo do organismo, ou pelo menos que reprime esse ritmo. É preciso que frisemos que não desaprovamos o record em si, mas sim que a finalidade única da Educação Física seja o record, e a importância exagerada que se dá apenas ao record máximo.